

Apontamentos para uma história LGBTQIAP+ no Pará

Notes towards an LGBTQIAP+ history in Pará

Resumo: Pesquisas históricas que envolvem homossexualidades, movimento LGBTQIAP+ e questões relativas à identidade de gênero e sexualidade têm se multiplicado em diversos contextos. No estado brasileiro do Pará, localizado no Norte do país, este fenômeno tem sido menos expressivo do ponto de vista quantitativo, mas há questões importantes que estão emergindo das discussões promovidas nesse âmbito. O presente artigo tem o objetivo de analisar a produção acadêmica na área disciplinar da história que envolve a temática “LGBTQIAP+”. Mesmo caminhando a passos curtos, há um número crescente de pesquisadores trabalhando para ampliar e aprofundar o debate a partir de um diálogo com abordagens teóricas já consolidadas nas ciências sociais, como a teoria queer, e inseridas institucionalmente em um debate historiográfico local sobre população, família e gênero.

Palavras-chave: LGBTQIAP+; Homossexualidades; Pará; História Regional; Sexualidade.

Abstract: Historical research involving homosexuality, the LGBTQIAP+ movement and issues relating to gender identity and sexuality has multiplied in various contexts. In the Brazilian state of Pará (located in the north of the country) this phenomenon has been less significant from a quantitative point of view, but there are important issues that are emerging from the discussions promoted in this area. The aim of this article is to analyze the academic production in the disciplinary area of history involving the “LGBTQIAP+” theme. There is a growing number of researchers working to broaden and deepen this debate. They have been engaged in theoretical approaches already consolidated in the social sciences, such as queer theory. These studies are institutionally inserted in a local historiographical debate on population, family and gender.

Keywords: LGBTQIAP+; Homosexualities; Pará; Regional History; Sexuality.

Introdução

A sigla LGBTQIAP+ designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queers, intersexo, assexuais, pansexuais e outros grupos que escapam à ordem normativa de sexo, gênero e sexualidade. Trata-se de um acrônimo que vem se desmembrando historicamente ao longo das disputas que constituem o movimento social e as políticas orientadas para esse segmento da população (Facchini, 2020) e na qual a própria ideia de “população” é apropriada e tensionada contextualmente (Aguião, 2018). Os estudos científicos sobre o tema vêm se desenvolvendo no Brasil nas últimas décadas na interface entre os debates sobre homossexualidades, direitos sexuais e reprodutivos, violência política, saúde, feminismos, epistemicídio, políticas públicas, dentre outras. Grande parte dessa produção, porém, tem se concentrado nas ciências sociais, e, de forma mais consistente ao longo do tempo, na antropologia (França; Facchini, 2017).

Na área disciplinar da história, o debate sobre LGBTQIAP+ começou a crescer ainda recentemente, embora haja trabalhos pioneiros que contribuíram significativamente para perspectivas disciplinares e interdisciplinares sobre o tema. Exemplos são a dissertação de Claudio Roberto da Silva (1998) sobre a história oral do movimento homossexual brasileiro e o livro de James Naylor Green (2000) sobre a história social da homossexualidade masculina no século XX, com especial foco nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. A concentração de centros de pesquisa e recortes empíricos nessas duas cidades tornou-se um dos principais pontos de disputa com a multiplicação de estudos históricos sobre o tema no país.

Como Joana Maria Pedro e Elias Ferreira Veras (2015) observaram, há uma consternante resistência em aderir a esse debate na história, uma disciplina que por si só tem sido profundamente comprometida com questões sociais e com a busca por perspectivas alternativas de sociedade. A realização do primeiro simpósio temático no congresso da Associação Nacional de História (ANPUH) em 2019, em Recife, foi um importante marco que reverberou na criação da Rede de Historiadores e Historiadoras LGBTQIA+, que reúne professores e estudantes de diversas partes do país. Em seguida, vários debates e livros coletivos vêm sendo organizados e publicados, seja na forma de panoramas da historiografia LGBTQIAP+ (Sousa Neto; Gomes, 2021; Rodrigues; Veras; Schmidt, 2021), interface com o feminismo (Veras; Pedro; Schmidt, 2023) e enfoques territoriais específicos (Schmidt; Weimar, 2023). O recente livro de Paulo Souto Maior e Renan Quinalha (2023), *Novas Fronteiras das Histórias LGBTI+ no Brasil*, tomou como ponto de partida a oposição entre sujeitos e contextos privilegiados ou marginalizados na produção de conhecimento sobre o tema, o que, por si só, é indício de um amadurecimento de uma narrativa histórica, já passível

de críticas. A questão da região, assim, passa a ser cada vez mais central, ainda que aparentemente dependente de categorias como “centro” e “periferia”.

Pensar essas temáticas em diferentes espaços, então, tornou-se um movimento analítico importante para o desenvolvimento de uma história LGBTQIAP+ no Brasil, e as questões levantadas pela diferença espacial têm oferecido problemas analíticos e abordagens renovadoras. Nos estados do Norte do Brasil, caracterizados pela categoria geográfica “Amazônia”, esse debate ainda carece de panoramas mais aprofundados e detidos. O objetivo deste texto, portanto, é analisar a produção sobre LGBTQIAP+ na história realizada no estado do Pará, identificando as suas questões analíticas e as condições de emergência deste debate no contexto local. Faremos isso a partir de uma revisão bibliográfica não exaustiva. A análise de conteúdo da produção que encontramos em repositórios institucionais é realizada em diálogo com estudos históricos e bibliográficos realizados em outros estados e disciplinas, além de nossa própria experiência em eventos e realizando pesquisas nessa área.

Argumentamos que a produção paraense sobre “LGBTQIAP+” têm se desenvolvido a partir de dois campos institucionais de discussão: o debate sobre homossexualidades nas ciências sociais e o debate sobre gênero e família na história. No primeiro, a produção mais longa sobre o tema na antropologia preparou um terreno ao elaborar um panorama de possibilidades empíricas (bares e boates, Festa da Chiquita, movimento LGBT, travestilidade) e a recepção de referências teóricas atualizadas (passando pelo próprio conceito de gênero e indo até a interseccionalidade e a teoria queer) em Belém. O segundo, mais propriamente na história, a bibliografia sobre família e população tem possibilitado que estudos sobre sexualidade sejam acolhidos institucionalmente, especialmente na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Historiografia, gênero, sexualidade e família no Pará e em Belém

O estado do Pará originou-se de uma unidade administrativa separada do Brasil no império colonial português, o Estado do Grão-Pará e Maranhão (originalmente Estado do Maranhão e Grão Pará, com sede em São Luís). A institucionalização da história como disciplina científica se deu no estado nas últimas décadas, com uma grande concentração na capital, Belém, e em sua Universidade Federal do Pará (UFPA). Como aconteceu às demais ciências humanas, a formação da pós-graduação dependeu de trânsitos de pesquisadores para outros estados brasileiros, o que também aconteceu com o campo de estudos sobre gênero e sexualidade (Saldanha, 2023). Algumas das primeiras tentativas de trabalhar com o tema na instituição foram frustradas, como a do então estudante de história Ronaldo Trindade nos anos 1990. Em entrevista para Inácio Saldanha, ele lembrou que seu interesse em pesquisar

homossexualidade na capital do Pará estava inserido em um contexto de recepção do conceito de gênero na cidade. Tratava-se de um debate interdisciplinar que teve uma importante participação e pesquisadoras feministas das ciências sociais, e que culminou com a criação do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero “Eneida de Moraes” (GEPEM) em 1994 (Álvares; D’Incao, 1995). Segundo Trindade, porém, havia uma resistência muito evidente a esses temas na história:

As historiadoras estavam tornando relevante um tema que antes era chamado de perfumaria. Todo mundo que pesquisava gênero na minha época, o povo dizia assim, quando a gente tava participando da ANPUH e tal, “ah, o povo que pesquisa perfumaria, que pesquisa gênero, pesquisa sexualidade...”, tinha um puta preconceito. E lá no Pará era tão pouca gente que pesquisava esse tema que todo mundo se conhecia. Mas eu lembro que apesar de ser muito pouco, eu sempre tive o incentivo de todos os professores (Saldanha, 2023, p. 136).

A dificuldade de encontrar com quem dialogar em seu tema de interesse levou o jovem pesquisador a estudar prostituição, o que repetiria em seu mestrado. Apenas na tese de doutorado, defendida em 2004 na USP, Trindade teve sucesso em pesquisar homossexualidade, já agora na antropologia. Uma trajetória como a sua, envolvendo os trânsitos para outros estados e disciplinas, é exemplar da forma descontínua como as homossexualidades e os temas que hoje chamamos de “LGBTQIAP+”, em alusão às mudanças próprias do movimento social, se desenvolveram como objeto de debate na história. Neste sentido, a realidade paraense não difere daquela de outros contextos no Brasil.

Por outro lado, há temas de estudo que podem ser considerados clássicos na história paraense, como a Belle Époque e a colonização portuguesa, nas quais a sexualidade ainda não tem aparecido de forma muito expressiva. A concentração histórica da universidade na capital e a ainda recente interiorização da graduação em história (e a ainda incipiente interiorização da pós-graduação) indicam também uma concentração dos estudos em questões relacionadas a Belém e a arquivos localizados na cidade. Belém foi fundada em 1616 por militares portugueses, tornando-se um entreposto administrativo da colonização europeia nas proximidades da foz do Rio Amazonas, o que culminou na relutância em aderir à independência do Brasil. Com o ciclo econômico da borracha, conhecido tradicionalmente como *Belle Époque* em cidades como Manaus e Belém pela modernização e pela urbanização promovidas pelas elites, muitos aspectos sociais passam por profundas transformações, como a família e a sexualidade.

No caso da colonização, o Pará se notabilizou por receber uma grande visita do Tribunal do Santo Ofício na segunda metade do século XVIII, cujo livro de processos foi encontrado e publicado pelo historiador paulista José Roberto do Amaral Lapa (1978). Com o desenvolvimento dos estudos históricos sobre homossexualidade, especialmente aqueles

desenvolvidos pelo antropólogo e ativista Luiz Mott, a Visitação da Inquisição no Grão-Pará entrou para uma agenda de debates teóricos nas ciências sociais. A posição de Mott é favorável a um uso trans-histórico da categoria “homossexualidade”, em oposição à perspectiva construcionista que advogou pela análise da sexualidade como um produto social historicamente situável, sobretudo a partir de autores como Mary McIntosh (1969), Michel Foucault (2014) e, no Brasil, Peter Fry (1982). Estudando a Inquisição (Mott, 1994), o mito das Amazonas encontradas pelos expedicionários espanhóis (Mott, 1990) ou a biografia de um religioso mercedário acusado de sodomia em Belém no século XVII (Mott, 2011), o argumento de Mott toma como base a ideia de que a Amazônia seria uma região distante do mundo ocidental, e que a existência da homossexualidade em sua história comprovaria a sua suposta existência universal.

Estudos posteriores sobre a Inquisição no Pará, especialmente por pesquisadores de outros estados, assumiram a tendência de situá-la em meio a outras visitas realizadas no “Brasil colonial”, dando menor consideração ao fato de que o Grão Pará e Maranhão constituía uma unidade administrativa separada do Brasil. Uma tensão resistente ao construcionismo social, por sua vez, ainda aparece hoje (Pinto, 2023), um diferencial desse debate na história em relação ao das ciências sociais. A recente ênfase na teoria queer como uma abordagem teórica privilegiada, por sua vez, também chama atenção (Rocha, 2021). Porém, as pesquisas realizadas localmente sobre a Inquisição e a sodomia no Pará têm tido menor interesse em se aproximar do debate contemporâneo sobre homossexualidades, como nas dissertações de Felipe das Mercês (2018) e Policleiton Cardoso (2022).

A Belle Époque, por sua vez, já inspirou uma série de pesquisas sobre família, como as de Cristina Donza Cancela sobre a família na economia da borracha (Cancela, 2012) e sobre a sexualidade feminina nas camadas populares (Cancela, 2021), que se insere em uma linhagem de historiadoras feministas comprometidas com a escrita de uma história das mulheres no Brasil. A elas, somam-se os estudos de Ipojucan Dias Campos sobre a história da família no período, especialmente casamento e divórcio (Campos, 2023) e corpo e moda feminina (Campos, 2019), embora sem o mesmo investimento no gênero como uma categoria analítica. É importante mencionar que essas pesquisas, em parte realizadas em programas de pós-graduação paulistas, estimularam um diálogo mais direto com outros estudos do âmbito da história privada, ou que deslocam a oposição entre público e privado, como a pesquisa de Ronaldo Trindade (1999) sobre a prostituição feminina na Belle Époque de Belém, a tese em antropologia de Márcio Couto Henrique (2008) sobre o diário íntimo do político Couto de Magalhães e a análise feita Antonio Otaviano Vieira Junior (2022) sobre a relação entre casamento e poder no Pará oitocentista. Ainda que essa interessante agenda da pesquisa tenha

pouco diálogo direto com os estudos sobre homossexualidades ou diversidade sexual e de gênero, elas compõem a abertura de um interesse de pesquisa institucional sobre temas e debates correlatos, o que frequentemente coloca estes pesquisadores como orientadores e avaliadores de trabalhos recentes.

É importante enfatizar, neste sentido, a participação do grupo RUMA (População, Família e Migração na Amazônia), que passou a acolher pesquisas em torno de população, migração, gênero e sexualidade. Coordenado por Antonio Otaviano Vieira Junior e Cristina Donza Cancela, trata-se um grupo de pesquisa institucionalizado na história que inclui pesquisas de pós-graduação sobre gênero e sexualidade em sua agenda de interesse, o que tem permitido um aprofundamento do conhecimento local sobre o tema, como veremos a seguir. Atualmente, no caso do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), na UFPA, a maioria dos estudantes que trabalham com gênero e sexualidade são orientados por Cancela, e voltaremos a eles nas próximas seções. Se as pesquisas que envolvem população, migração e família são mais numerosas, podemos atribuir essa priorização ao grande banco de dados do grupo no que se refere às documentações ligadas a genealogias familiares.

Homossexualidades, ciências sociais e historiografia no Pará

A capital do Pará tornou-se um campo empírico importante para o debate sobre sexualidade nas ciências sociais a partir da pesquisa do antropólogo Peter Fry (1982) sobre homossexualidade masculina em terreiros de umbanda na década de 1970. Fry era professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e teve uma importante participação na formação de um campo de estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil, principalmente de uma perspectiva construcionista e na pós-graduação.

Podemos supor que o crescimento recente e ainda incipiente sobre LGBTQIAP+ na historiografia paraense tem aspectos em comum com o que foi observado nas ciências sociais, em que a emergência do ativismo LGBT universitário (em particular o grupo Orquídeas, na UFPA de Belém) provocou a realização de pesquisas por parte de jovens ativistas (Facchini; Daniliauskas; Pilon, 2013). O antropólogo Milton Ribeiro (2017), ele próprio um ex-ativista do grupo Orquídeas, realizou um levantamento cuidadoso ao longo de vários anos de estudos sobre homossexualidades e questões LGBT em Belém, o que nos permite identificar os mais antigos trabalhos realizados no âmbito disciplinar da história que estão disponíveis em sistemas de bibliotecas institucionais.

O primeiro trabalho encontrado por ele nessa disciplina é o trabalho de conclusão de curso *Outras Histórias Além do Carnaval: Memórias da Festa da Chiquita, Religiosidade e*

Homossexualidade, de Mariana Pinheiro (2014). A título de comparação, o primeiro trabalho identificado no mesmo levantamento para a antropologia foi *Homossexualidade: Representações, Preconceito e Discriminação em Belém*, concluído por Telma Amaral Gonçalves em 1989. Uma pesquisa recente, por sua vez, sugere um outro possível trabalho nas ciências sociais, *Amor e Sexo Além das Fronteiras: Homossexualidade Feminina em Belém*, concluído por Maria de Nazaré Leal Lima dos Santos em 1982, um momento em que a pesquisa na graduação em ciências humanas ainda começava a ser institucionalizada na UFPA (Saldanha, 2023).

É também nas ciências sociais, e especialmente na antropologia, que serão realizadas importantes discussões que envolvem memória, sociabilidade e patrimônio LGBTQIAP+, como nas próprias pesquisas de Milton Ribeiro sobre a Festa da Chiquita, que acontece todos os anos no mês de outubro, no período do Círio de Nazaré:

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré (Ribeiro, 2012:199).

Isso explica o diálogo estabelecido pelos historiadores com os trabalhos antropológicos na medida em que sua produção começa a ganhar corpo. No âmbito do PPHIST/UFPA, a longevidade deste evento o incluiu com destaque na dissertação de Alana Albuquerque de Castro (2022), junto a boates e bares associadas às experiências e representações das sexualidades dissidentes no período da ditadura civil-militar. Castro nos fala de um movimento homossexual no fim da década de 1970, a Associação Gay de Belém (AGB), deslocando a cronologia do movimento no Pará, antes situada a partir do início da década de 1990. Trata-se, novamente, de um problema de pesquisa em que se encontra a história e a antropologia, uma vez que evidências desse primeiro movimento homossexual já apareciam na tese de José Luiz Moraes Franco (2018) e foram contestadas na dissertação de Inácio Saldanha (2023), ambos historiadores que migraram para a antropologia.

Além da Festa da Chiquita, outra programação cultural envolvendo as sexualidades dissidentes, é o Rebuceteio, bloco de carnaval criado por mulheres sáficas (que se relacionam com mulheres) em 2016. A proposta desse coletivo cultural entende o “Rebuceteio” como uma reunião de pessoas denunciando o feminicídio, a homofobia, a transfobia, as violências contra mulheres e grupos LGBTQIAP+ de maneira artística, lúdica, como analisado recentemente pela historiadora Fernanda Jaime Andrade (2023).

As pesquisas realizadas no âmbito da história têm possibilitado um tensionamento na própria apreensão da sigla “LGBTQIAP+”, caracterizada na contemporaneidade pela abrangência de muitas identidades que levantam debates próprios e nem sempre profundamente interligados. Estudos recentes têm se confrontado tanto com o desafio de pensar a sexualidade em contextos nos quais essas identidades não estavam definidas como hoje, quanto o desafio de pensar diferentes identidades que têm variados graus de visibilidade. Os discursos em torno dos limites da sexualidade feminina em um cenário criminal no começo do século XX levaram a historiadora Jessica Maria Pastana Moreira (2022) a analisar um caso específico a partir das noções de feminilidade e masculinidade. Otto Vasconcelos (2022), por sua vez, fez da história oral um meio de pensar como pessoas tran viveram a travestilidade no fim do século XX, dentre outras abordagens que procuram problematizar diferentes facetas da historiografia aliadas à construção de passados desviantes. Percebemos, assim, uma concentração evidente dos estudos em torno da homossexualidade masculina, com um interesse emergente nas travestilidades e transgeneridades, além de uma abordagem mais lateral da homossexualidade feminina. Pessoas bissexuais e intersexo, por sua vez, ainda não aparecem em pesquisas propriamente históricas, do ponto de vista disciplinar.

Outra característica importante que evidencia o início de um amadurecimento é a continuidade entre os trabalhos na trajetória de formação e pesquisadores, na graduação e na pós-graduação. Este é o caso, por exemplo, de Paulo Henrique Souza Santos e Júlio Ferro Nascimento, ambos formados no RUMA. O primeiro, tendo estudado em jornais locais o impacto da chegada da epidemia de HIV/Aids em Belém nos anos 1980 (Santos, 2019), veio a realizar, na Fiocruz, uma dissertação de mestrado sobre o ativismo de combate à epidemia na cidade nos anos 1990 e a implementação do Sistema Único de Saúde, o SUS (Santos, 2022). Em seu caso há um relativo afastamento das homossexualidades como questão de pesquisa à medida em que seus problemas analíticos se envolvem na construção de políticas públicas de saúde.

O caso de Nascimento (2019), por sua vez, é notável pela realização de um estudo na graduação sobre homens trans na imprensa, contemplando a importância da internet para a emergência histórica dessa identidade no Brasil. Isso levou o autor a estabelecer um debate teórico com a ainda emergente historiografia das transmasculinidades no país, inclusive a partir de sua posição como um pesquisador cisgênero.¹³

¹³ Uma pessoa “cisgênera” ou “cis” é aquela que não é trans, isto é, cuja identidade contempla o gênero atribuído a ela em seu nascimento. Trata-se de uma categoria científica de grande importância para o movimento social (Rodvalho, 2017).

Já em sua pesquisa de mestrado, Nascimento (2023), trabalhou com periódicos da década de 1980 que abordam pessoas transfemininas, agora a partir do contexto local, contexto este considerado por ele como um cenário sócio-histórico plural, contraditório e “potencializador”. Para Nascimento, talvez o pesquisador local que leva mais longe o diálogo com a teoria queer, a procura por uma unidade coesa de explicação epistemológica poderia ser entendida enquanto uma forma de epistemicídio se optasse por categorizar identidades desviantes enquanto estáveis, cronológicas e inteligíveis. Assim, o autor explora o papel do tempo na relação entre corpo, identidade e discursos na construção de entendimentos e resistências a respeito da travestilidade e transexualidade feminina em um contexto paraense, a partir da noção de “regime farmacopornográfico” de Paul B. Preciado (2018).

De outra maneira, a dissertação de Raíssa Santos Barbosa (2023) sobre o circuito de exibição de filmes pornográficos em Belém entre as décadas de 1980 e 90 promove um rico diálogo com a antropologia urbana. A partir das contribuições teóricas dos antropólogos Néstor Perlongher e José Guilherme Magnani, Barbosa desenvolve uma análise da relação entre cidade e desejo no qual não encontramos grupos ou identidades definidas, mas tramas, discursos e espaços nos quais a diferença é produzida e disputada.

A concentração institucional desses estudos na UFPA tem sido lentamente deslocada pela criação de cursos de graduação em universidades como a Universidade do Estado do Pará (UEPA), criada em 1993, tendo o primeiro ano letivo de seu curso de história em 2014. Neste caso específico, um corpo docente composto em parte por antropólogos e por historiadores interessados em história oral permitiu que, já entre os primeiros trabalhos de conclusão de curso, fossem apresentados estudos que privilegiaram a observação participante e as fontes orais e contemplassem eventos contemporâneos, como o TCC de Ícaro Serra Chagas (2018) sobre a heteronormatividade em boates gays em Belém e o de Amanda Gonçalves (2019) sobre a Parada do Orgulho LGBTI, também na capital do estado. Ainda pode ser verificada, porém, uma certa dependência da pós-graduação em história da UFPA sediada na capital, o que coloca esses temas e abordagens emergentes em concorrência com outras mais estabelecidas. Isso tem estimulado a continuidade do trânsito de pesquisadores para outras áreas (como a antropologia) ou mesmo instituições de outros estados.

Como pudemos perceber, a historiografia brasileira em torno de sujeitos LGBTQIAP+, incluindo a paraense, apresenta uma forte ligação com textos produzidos por autores queer como Judith Butler (2021) e Paul B. Preciado (2014), que apontam a desnaturalização do gênero e da sexualidade. A teoria queer aparece no horizonte de alguns grupos de pesquisa e revistas especializadas na década de 1990, mas tem notável difusão no Brasil ao longo da década de 2010 no campo dos historiadores, que passam a explorar o

processo de construção de identidades através de fontes escritas e orais. A tese de Kauan Amora Nunes (2019) é significativa neste sentido, descrevendo a cena teatral de Belém nos anos 1980 como “queer”, a partir de sua análise da obra do dramaturgo Luís Otávio Barata.

A bibliografia produzida por jovens historiadores paraenses sobre sujeitos “desviantes”, portanto, já passa a apresentar análises que incorporam a sexualidade como uma categoria analítica, em vez de ser categorizada pela simples adição de sujeitos marginalizados (a história expositiva). Possivelmente como efeito da recepção local da teoria queer e do diálogo com a antropologia, que muitas vezes se sobrepõe ao construcionismo, as publicações problematizam as comunidades estudadas em relação ao seu cenário social, aos limites epistemológicos das categoria que as designam, suas temporalidades, entre outros enfoques nos quais devem vir a se desdobrar as potencialidades de uma “historiografia LGBTQIAP+” no Pará.

Horizontes, desafios:

Na historiografia paraense, criou-se uma certa “tradição intelectual” de circunscrever as temáticas de interesse a partir de uma compreensão da realidade regional, ou de uma dada noção do que seria um tema “amazônico”. Isso se dá por diversas razões, e não é nossa intenção negar que a agenda de pesquisa deva se preocupar em contemplar o seu contexto de produção. Em um território predominantemente rural, as disciplinas ofertadas tanto nos cursos de graduação quanto na pós-graduação tendem a enfatizar questões relativas ao mundo agrário ou rural. É importante considerar, porém, que a ideia de região é produzida socialmente (Bourdieu, 2012), e que a constituição de uma região amazônica deve muito à construção de um imaginário colonial (Gondim, 2019).

Além dos conflitos ocorridos na região rural, os ciclos econômicos ligados à produção de matérias primas tornam-se o foco central de muitas pesquisas. Os trabalhos envolvendo história agrária, indigenismo, escravidão, colonização, *Belle Époque* e migração, são produzidos em maior número, seja devido à influência das disciplinas ofertadas na formação dos estudantes, seja porque a historiografia paraense é relativamente recente e institucionalmente concentrada, se comparada com outras partes do Brasil. O que a recente produção sobre “LGBTQIAP+” no Pará tem passado a questionar, porém, é que outros temas também fazem parte da “História da Amazônia”. Afinal, não deveria ser a sexualidade um campo primordial para entender outras camadas da sociedade? Sua inclusão poderia contribuir para que não apenas uma história heteronormativa vigore? Para tanto, quais seriam os caminhos para que tais mudanças ocorram?

Para além das universidades públicas do estado, não podemos deixar de enfatizar a existência e o crescimento dessas pesquisas também dentro da rede privada de ensino, como a pesquisa inicial de Alana Albuquerque de Castro (2017) sobre a homossexualidade na ditadura civil-militar a partir dos jornais, realizada nas Faculdades Integradas Brasil Amazônia (FIBRA). Mas, infelizmente, o acesso a essas produções é muito menor, devido à falta de um banco de dados próprio onde o grande público possa acessar as monografias virtualmente. A relativamente diminuta circulação de sua produção intelectual faz crer que, se o pesquisador não ingressar em uma pós-graduação nas universidades públicas, é provável que o seu trabalho não venha a ser lido e citado. Isso também ocorre devido ao fato de que os cursos de licenciatura em faculdades privadas incentivam seus alunos a se aperfeiçoarem mais na docência do que na pesquisa.

Há, por outro lado, limites internos a esse debate que já passam a ser enfrentados. A princípio, podemos destacar um avanço significativo em trabalhos que saem da concentração empírica em Belém, em um estado de proporções quase continentais. Ainda na graduação, Marlison Moraes (2024) realizou, no campus da UFPA em Ananindeua, um estudo sobre um casamento ocorrido nos anos 1960 em Cametá, levando os horizontes analíticos para o interior do estado.

Há, na questão da interioridade, um debate importante que novamente nos leva à antropologia. O estabelecimento de referências clássicas sobre homossexualidade no Brasil a partir de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, como no estudo em que James Green (2000) observou uma recorrência dos trânsitos de jovens homossexuais do interior, levou a recentes críticas de pesquisadores como Guilherme Passamani (2018), que constatou, no interior do Pantanal, que as pessoas não precisavam necessariamente migrar para as grandes cidades para viver sua sexualidade. Fabiano Gontijo e Igor Erick chamaram a atenção para a necessidade do crescimento de trabalhos envolvendo sexualidade nas áreas rurais amazônicas:

A sexualidade e, mais particularmente, a diversidade sexual e de gênero e as práticas sexuais que podem se tornar marcadores sociais da diferença interseccionalizados nas pesquisas sobre o mundo rural ou na etnologia indígena ou nos estudos de realidades quilombolas, caboclas e ribeirinhas não teriam se transformado em objetos de estudo por se por diversas razões, não necessariamente por uma suposta incapacidade dos pesquisadores em perceber sua importância para a compreensão das relações sociais marcadas pelas ruralidades, pela etnicidade ou pela regionalidade. Talvez a principal dessas razões seja a própria agenda de pesquisas, tanto nos estudos rurais ou nos estudos étnicos ou sobre realidades interioranas, como nos estudos de gênero e sexualidade, pautada por outros interesses de pesquisa ligados a certas tradições intelectuais. (Gontijo; Erick, 2015:32)

Para estes autores, há um acúmulo de “denúncias” na antropologia sobre a concentração de estudos sobre gênero e sexualidade nas grandes cidades. Victor Lean do Rosário (2024) aprofunda a recepção dessa discussão no Pará ao situar a cidade de Belém

entre os grandes centros aos quais se opõe esse interior, fazendo uma interessante escolha: estudar a presença do homoerotismo em um terreiro de umbanda, não mais em Belém, como fizera Peter Fry nos anos 1970, mas em Igarapé-Açu, no nordeste do Pará. A oposição entre “interior” e “grandes centros” passa a ser rebalanceada quando se sai de uma escala nacional e se entra nas contradições e nuances locais. Como observou Inácio Saldanha (2023), a capital do Pará poderia eventualmente ser enquadrada como um “grande centro” ou não, e essa classificação implicava abordagens analíticas, construção de políticas e relações interpessoais.

Mesmo na graduação, quando não há o mesmo tipo de interesse pela problematização das categorias analíticas, abordagens históricas no interior das ciências sociais têm começado a abrir novos horizontes empíricos que contribuem para a formação de um panorama histórico no estado. O trabalho de conclusão de curso em ciências sociais de Bruno Andrade Teixeira (2019) foi defendido na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e analisou a relação entre corpo, política, gênero e sexualidade nas Paradas do Orgulho LGBT de Marabá. Ao escrever sobre a história do movimento LGBTQIAP+ marabaense, o jovem pesquisador ajudou na inserção do sul do Pará em um debate que pode vir a enriquecer a compreensão sobre esse fenômeno histórico no norte do estado, inclusive na capital.

Na história, a ênfase marxista e thompsiniana, com um recente e localizado interesse pela decolonialidade, coloca questões para aproximar os estudos rurais dos estudos sobre gênero e sexualidade em seu campo disciplinar. A centralidade que têm Michel Foucault e sua história da sexualidade (de menor afinidade com o marxismo, o que provoca resistências por parte de muitos historiadores) neste segundo campo de estudos, é um exemplo de desafio para a aproximação, menos acelerada do que tem sido entre antropólogos. Acreditamos que autores que discutam gênero e sexualidade, também podem vir a ser abordados nas disciplinas ofertadas, por exemplo, sem que os clássicos sejam necessariamente deixados de lado (se este for um motivo de preocupação). Uma vez desenvolvida, essa aproximação temática poderá desestabilizar alguns limites teóricos e empíricos de ambos os campos.

Considerações finais:

Como argumentou Joan Scott (1995), os historiadores apresentam a tendência de realizar textos expositivos em trabalhos sobre gênero, com um menor interesse pela teoria. Para ela, era necessário incluir o gênero como uma categoria de análise, mais do que instrumentalizá-lo como uma nova temática. Essa diferença implica a compreensão de que os estudos que hoje chamamos de gênero e sexualidade são mais do que estudos sobre temas e sujeitos específicos, apartados de outros debates e instâncias da vida social. A jovem produção de pesquisas históricas sobre “LGBTQIAP+” no Pará está trazendo importantes questões para

os desafios que essa mudança apresenta. Por um lado, apresenta a possibilidade de pensar novos temas e problemas no interior da “História da Amazônia” e de seus debates clássicos. Por outro, a introdução de outros temas em seu próprio debate é incipiente, o que pode ter relação com a concentração das pesquisas ainda entre estudantes, com uma pequena presença no nível de doutorado. Assim, aspectos próprios da abordagem interseccional (como a relação entre raça, gênero e classe) merecem maiores aprofundamentos.

Do ponto de vista dos fatores que viabilizaram a formação desse debate localmente, está a confluência entre estudos históricos de população, família e gênero e os estudos antropológicos sobre gênero e homossexualidades. A contribuição da antropologia chama atenção pelas conexões empíricas e teóricas que não necessariamente passam pela teoria queer, a abordagem teórica que vem sendo priorizada por historiadores brasileiros no âmbito da questão LGBTQIAP+ (Sousa Neto; Gomes, 2021). O interesse político dos pesquisadores e das pesquisadoras é digno de nota. O foco coletivo em questões relacionadas à ditadura de 1964 e a movimentos sociais, além de acompanhar uma tendência nacional possivelmente desencadeada pelo relatório da Comissão Nacional da Verdade (Brasil, 2014), reflete o apelo político e o impacto social direto que esses debates possuem. Esperamos que a presente revisão contribua para estimular a produção de novas pesquisas e o trabalho de novos pesquisadores que avancem na ampliação do campo historiográfico local, não apenas nas universidades federais, mas também nas estaduais, nos institutos federais e no setor privado.

Referências:

AGUIÃO, Silvia. **Fazer-se no “Estado”**: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D’INCAO, Maria Angela (orgs.). **A mulher existe?**: uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM/GOELDI, 1995.

AMARAL LAPA, José Roberto do. Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão Pará (1763-1769). Petrópolis: Vozes, 1978.

ANDRADE, Fernanda Jaime. O Bloco do Rebuceteio: rede de apoio nos corpos territórios em performance carnavalesca. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 24, p. 35-51, 2023.

BARBOSA, Raíssa Santos. **O diabo na carne de Belém**: o circuito exibidor de filmes pornôns durante a decadência dos cinemas de rua na capital paraense (1985-1997). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**: eixos temáticos. Brasília: CNV, 2014.

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CAMPOS, Ipojuca Dias. “O rebaixamento moral”: moda, corpo e família (Belém-PA, 1915-1920). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 2, p. 270-287, 2019.
- CAMPOS, Ipojuca Dias. **Diante do extremo: casamento, família e divórcio** (Belém-Pará, 1890-1900). Belém: Eduepa, 2023.
- CANCELA, Cristina Donza. **“Adoráveis e dissimuladas”**: as relações amorosas e sexuais de mulheres pobres na Belém do final do século XIX e início do XX. São Paulo: Livraria da Física, 2021.
- CANCELA, Cristina Donza. **A família na economia da borracha**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.
- CARDOSO, Policleiton Rodrigues. **Sodomitas do Grão-Pará nos cárceres da inquisição portuguesa: um olhar sobre os processos de Frei Lucas de Sousa e seus amantes na Belém do Século XVII**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2022.
- CASTRO, Alana Albuquerque. **A homossexualidade no período da Ditadura Civil-Militar sob a ótica dos periódicos da década de 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Faculdades Integradas Brasil Amazônia, Belém, 2017.
- CASTRO, Alana Albuquerque. **Sexualidades dissidentes em prosa**: as representações das homossexualidades masculinas e das travestis nos periódicos da década de 1970 em Belém/PA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, p. 164, 2022.
- CHAGAS, Ícaro Serra. **“Gays, sejam viados”**: homossexualidades masculinas e heteronormatividade entre jovens em uma cidade-armário. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.
- FACCHINI, Regina. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana Cláudia. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. **Revista de Ciências Sociais**, v. 44, n. 1, p. 161-193, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, volume 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FRANÇA, Isadora Lins; FACCHINI, Regina. Estudos de gênero no Brasil: 20 anos depois. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito (orgs.). **Sociologia brasileira hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.
- FRANCO, José Luiz Moraes. **Cores e dores do movimento LGBT de Belém do Pará: trajetória, participação e luta**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GONÇALVES, Amanda Carvalho. **Representações da Parada do Orgulho LGBT de Belém do Pará nos jornais O Liberal e O Diário do Pará (2013-2018)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2019.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silenciamentos e... exortações. **Aceno**, v. 2, n. 4, 2015.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

McINTOSH, Mary. The homosexual role. **Social Problems**, v. 16, n. 2, p. 182-192, 1968.

MERCES, Felipe Santos das. **Inquisição, bigamia e sodomia no estado do Grão-Pará e Maranhão**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

MOREIRA, Jessica Maria Pastana. **“Beatriz era mais fêmea que mulher”**: feminilidade e masculinidade pela imprensa de Belém (1940). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

MOTT, Luiz. As Amazonas: Um Mito e Algumas Hipóteses. **LPH: Revista de História**, 1: 3-35, 1990.

MOTT, Luiz. A Inquisição no Maranhão. **Revista Brasileira de História**, 14 (28): 45- 73, 1994.

MOTT, Luiz. Ventura e Desventuras de Um Mercedário Sodomita em Belém do Pará Pós-Filipino”. **Politéia: História e Sociedade**, 11 (1): 81-103, 2011.

NASCIMENTO, Júlio Ferro Silva da Cunha. Nem só de hormônio vive o homem: representações e resistências de homens transexuais (1984-2018). **Aceno**, v. 6, n. 2, p. 96-112.

NASCIMENTO, Júlio Ferro Silva da Cunha. **O diário das trans**: representações de mulheres trans e travestis no Diário do Pará (1980-1990). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

NASCIMENTO, Júlio Ferro Silva da Cunha. Violência, militância e protagonismo: a trajetória da historiografia brasileira na produção de textos trans. **Canoa do Tempo**, v. 10, p. 52-66, 2018.

NUNES, Kauan Amora. **A Nau Queer**: uma genealogia da sexualidade no teatro de Luís Otávio Barata (1980-1990). Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

ASSAMANI, Guilherme R. **Batalha de confete**: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal - MS. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90–109, 2015.

PINHEIRO, Mariana. **Outras histórias além do carnaval**: memórias da Festa da Chiquita, religiosidade e homossexualidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

PINTO, Matheus Rodrigues. A sodomia no mundo luso-brasileiro do século XVII: entre o delito e a espécie. In: SOUTO MAIOR, Paulo; QUINALHA, Renan. **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. 2014. Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual. São Paulo: n-1 edições.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Milton. A Filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. **Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS**, Águas de Lindóia, 2012.

RIBEIRO, Milton. Homossexualidades e questões LGBT: pesquisas e produção de conhecimento na Amazônia paraense. In: FREITAS, Marlene Rodrigues Medeiros (org.). **Direitos humanos e educação básica**: vivências e perspectivas. Belém: UFPA, 2017.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Um império transviado em Sodoma**: uma genealogia queer da sodomia e do sodomita no Império Português - séculos XVI-XVIII. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço; VERAS, Elias Ferreira; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Clio sai do armário**: historiografia LGBTQIA+. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ROSÁRIO, Victor Lean do. “**Nesse terreiro tem axé e tem viado**”: experiências homoafetivas e sexualidade em um terreiro de umbanda no nordeste paraense. Cotia: Urutau, 2024.

SALDANHA, Inácio. **Categorias em trânsito**: classificações da sexualidade e a emergência da “bissexualidade” em Belém nos anos 1980 e 90. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

SANTOS, Paulo Henrique Souza dos. **A resposta à AIDS na construção do SUS em Belém**: o caso da ONG Paravidia (1992-2003). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Paulo Henrique Souza dos. **As construções discursivas sobre AIDS no jornal Diário do Pará (1985-1996)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1989.

SCHMIDT, Benito Bisso; WEIMER, Rodrigo (orgs.). **Histórias lesbitransviadas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Taverna, 2022.

SILVA, Claudio Roberto da. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de; GOMES; Aguinaldo Rodrigues (orgs.). **História e teoria queer**. Salvador: Devires, 2021.

SOUTO MAIOR, Paulo; QUINALHA, Renan. **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023.

TEIXEIRA, Bruno Andrade. **O que pode um corpo LGBTQIA+?: corpo, gênero e sexualidade a partir do movimento LGBTQIA+ em Marabá-PA (2008 a 2019)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2019.

VASCONCELOS, Otto Osvaldo da Silva et al. **Transamazônicas**: memórias, experiências e trajetórias de pessoas trans na segunda metade do século XX. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

VERAS, Elias; PEDRO, Joana Maria; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **(Re)Existências LGBTQI+ e feminismo na ditadura civil-militar e na Redemocratização do Brasil**. Maceió: Edufal, 2023.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. De casamento, poder e trajetórias: o enlace de dona Catarina Micaela com o ouvidor José Feijó (Grão-Pará, século XVIII). **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 419-444, 2022.

SOBRE OS AUTORES:

Inácio Saldanha: Licenciado em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É membro da Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM). Tem trabalhado com ribeiridade, Amazônia, bissexualidade e outras classificações da sexualidade. E-mail: inaciosants@gmail.com.

Alana Albuquerque de Castro: Paraense, graduada em licenciatura em história, mestra e doutoranda em História Social da Amazônia. Atua principalmente nos campos de Ditadura, gênero e sexualidades, e concentra suas pesquisas na análise da mídia impressa paraense. E-mail: alanaalbc@gmail.com.

Júlio Ferro Nascimento: Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), graduado em Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador com trabalhos voltados a representação de sujeitos transmasculinos, mulheres trans e travestis por uma perspectiva queer e temporal. E-mail: julioferronas@gmail.com.

Recebido: 05/09/2023

Aprovado: 29/10/2023